



Um guia teológico e pastoral para viver a verdade e a caridade no mundo atual

Vivemos numa época de extremos. Por um lado, existe a tendência de justificar qualquer comportamento para evitar julgar alguém. Por outro, encontramos atitudes duras e condenatórias que parecem esquecer a misericórdia de Deus. No meio destas tensões surge uma expressão muito conhecida no cristianismo: **“amar o pecador mas odiar o pecado”**.

Muitos a repetem. Alguns a rejeitam. Outros a interpretam mal. Para uns é uma afirmação profundamente evangélica; para outros, uma desculpa para apontar os erros dos outros. Mas o que significa realmente? É um ensinamento bíblico? Como pode ser aplicada hoje sem cair nem no relativismo nem no rigorismo?

Compreender corretamente esta expressão é fundamental, porque toca o próprio coração do Evangelho: a relação entre verdade e caridade, entre justiça e misericórdia, entre a santidade de Deus e o seu amor infinito por cada ser humano.

Num tempo em que a identidade das pessoas é frequentemente confundida com as suas ações, e em que qualquer crítica moral pode ser interpretada como um ataque pessoal, a sabedoria da tradição cristã oferece uma resposta profunda, equilibrada e profundamente humana.

A origem da expressão

Curiosamente, a expressão exata “amar o pecador mas odiar o pecado” não aparece literalmente na Bíblia.

A sua formulação mais conhecida é geralmente atribuída a Santo Agostinho de Hipona, que escreveu:

“Com amor pelos homens e ódio pelos vícios.”

Esta ideia foi posteriormente desenvolvida por numerosos santos e teólogos, porque



expressa uma verdade profundamente cristã: Deus ama a pessoa criada à sua imagem, mas rejeita aquilo que a destrói e a separa d’Ele.

Esta distinção é essencial.

O pecado não é a pessoa.

A pessoa possui uma dignidade imensa porque foi criada por Deus, redimida por Cristo e chamada à vida eterna.

O pecado, por sua vez, é aquilo que danifica essa dignidade.

Confundir estas duas realidades conduz a graves erros espirituais.

O olhar de Cristo: o modelo perfeito

Para compreender este ensinamento devemos contemplar Jesus Cristo.

Ninguém amou os pecadores mais do que Ele.

E ninguém condenou o pecado com maior clareza.

Jesus aproximou-se de publicanos, prostitutas, adúlteros, leprosos e marginalizados. Comia com eles, falava com eles e oferecia-lhes a sua amizade.

No entanto, nunca lhes disse que o seu pecado não tinha importância.

Vejamos alguns exemplos.

A mulher apanhada em adultério

Quando os fariseus levam diante de Jesus uma mulher apanhada em adultério, esperam uma condenação.

Cristo responde:



“Quem de vós estiver sem pecado seja o primeiro a atirar-lhe uma pedra.” (Jo 8,7)

Um a um, os acusadores vão-se retirando.

Então Jesus diz-lhe:

“Também Eu não te condeno; vai e não peques mais.” (Jo 8,11)

Observemos o equilíbrio perfeito.

Não condena a pessoa.

Mas também não aprova o pecado.

Ama-a demasiado para a deixar presa nele.

Zaqueu

Zaqueu era um cobrador de impostos corrupto.

Muitos desprezavam-no.

No entanto, Jesus convida-se a entrar em sua casa.

Esse encontro de amor provoca uma transformação interior.

Zaqueu declara:

“Darei metade dos meus bens aos pobres.”

Cristo não precisou de o humilhar publicamente.



O seu amor abriu o caminho do arrependimento.

A Samaritana

A mulher samaritana tinha tido vários maridos e vivia com um homem que não era seu marido.

Jesus conhece perfeitamente a sua situação.

Não a ignora.

Não a aprova.

Mas também não a rejeita.

Condu-la gradualmente para a verdade até a tornar evangelizadora da sua cidade.

Deus odeia o pecado porque ama o pecador

Esta afirmação pode parecer paradoxal, mas contém uma verdade profunda.

Muitas pessoas imaginam que Deus odeia o pecado porque é um legislador severo obcecado por regras.

A Bíblia apresenta uma realidade muito diferente.

Deus odeia o pecado precisamente porque ama o homem.

Um pai ama o seu filho.

Por isso odeia a droga que o pode destruir.

Uma mãe ama a sua filha.

Por isso odeia aquilo que a escraviza ou lhe causa sofrimento.



A rejeição não nasce da falta de amor.

Nasce do amor.

Da mesma forma, Deus rejeita tudo aquilo que fere os seus filhos.

O pecado destrói a amizade com Deus, rompe as relações humanas, gera sofrimento e obscurece a alma.

Por isso Deus combate o pecado.

Não porque queira limitar a nossa felicidade.

Mas porque deseja a nossa plenitude.

O pecado não define a identidade de uma pessoa

Um dos grandes problemas culturais do nosso tempo é a tendência de identificar as pessoas com os seus comportamentos.

A visão cristã é muito mais profunda.

Um homem não é simplesmente os seus erros.

Uma mulher não é simplesmente os seus fracassos.

Ninguém pode ser reduzido aos seus pecados.

Cada ser humano é muito mais do que as suas quedas.

Por isso a Igreja sempre defendeu a dignidade de cada pessoa, mesmo quando as suas ações são objetivamente contrárias ao Evangelho.

Esta verdade é fundamental para a evangelização.



Se identificamos completamente uma pessoa com o seu pecado, deixamos de ver nela a imagem de Deus.

E quando deixamos de a ver como filho ou filha de Deus, torna-se impossível amá-la autenticamente.

O perigo do relativismo: amor sem verdade

Hoje existe uma interpretação errada do amor.

Pensa-se que amar significa aprovar tudo.

Que corrigir é odiar.

Que advertir contra o mal é intolerância.

Que qualquer julgamento moral é um julgamento sobre a pessoa.

No entanto, isto contradiz o Evangelho.

Se um médico descobre uma doença grave e não diz nada para evitar incomodar o paciente, estará realmente a amá-lo?

Não.

Está a abandoná-lo.

Da mesma forma, esconder a verdade moral por medo de desagradar não é caridade.

A verdadeira caridade procura sempre o bem da pessoa.

E o bem inclui a verdade.

São Paulo escreve:

| *“Viver a verdade na caridade.” (Ef 4,15)*



A verdade sem amor torna-se crueldade.

Mas o amor sem verdade torna-se engano.

O perigo oposto: verdade sem amor

Se o relativismo é um erro, o rigorismo também o é.

Alguns cristãos sentem-se chamados a defender a verdade, mas esquecem a misericórdia.

Condenam rapidamente.

Falam com dureza.

Rotulam as pessoas.

Focam-se apenas no pecado.

Esquecem que também eles precisam do perdão de Deus.

Jesus foi muito mais severo com os fariseus orgulhosos do que com os pecadores arrependidos.

Porquê?

Porque o orgulho espiritual pode ser mais perigoso do que muitos pecados visíveis.

Quem se considera justo corre o risco de fechar o coração à graça.

Por isso Cristo recorda:

┃ *“Não julgueis, e não sereis julgados.” (Lc 6,37)*

Este ensinamento não proíbe discernir entre o bem e o mal.



Proíbe condenar interiormente as pessoas, atribuindo a si mesmos uma autoridade que pertence apenas a Deus.

O que significa amar verdadeiramente o pecador?

Amar o pecador implica várias atitudes concretas.

1. Reconhecer a sua dignidade

Cada pessoa possui um valor infinito.

Não depende do seu comportamento.

Não depende dos seus sucessos.

Não depende dos seus pecados.

Provém do facto de ter sido criada por Deus.

2. Desejar o seu verdadeiro bem

O amor cristão não procura apenas que alguém se sinta confortável.

Procura a sua salvação.

Procura a sua felicidade eterna.

Procura que viva plenamente segundo o plano de Deus.



3. Mostrar misericórdia

Todos somos pecadores.

Todos precisamos de perdão.

Todos dependemos da graça.

Recordar isto ajuda-nos a tratar os outros com humildade.

4. Corrigir com caridade quando necessário

A tradição católica considera a correção fraterna uma obra de misericórdia espiritual.

Não se trata de humilhar.

Não se trata de demonstrar superioridade.

Trata-se de ajudar.

Deve ser sempre feita com prudência, humildade e amor.

5. Acompanhar o processo de conversão

A conversão raramente acontece de forma instantânea.

Deus atua pacientemente nas almas.

Também nós devemos aprender essa paciência.

Muitas pessoas precisam de tempo para compreender, curar e mudar.

A missão do cristão não é substituir a ação de Deus, mas cooperar com ela.



A Cruz: a prova definitiva do amor ao pecador e do ódio ao pecado

A maior expressão deste ensinamento encontra-se na Cruz.

Nela vemos simultaneamente duas realidades.

A terrível gravidade do pecado.

E o amor infinito de Deus pelo pecador.

Se o pecado não fosse algo grave, Cristo não teria tido de sofrer e morrer.

Se Deus não amasse profundamente o pecador, também não teria aceite esse sacrifício.

A Cruz revela ambas as verdades ao mesmo tempo.

Deus leva o pecado com absoluta seriedade.

E ama a pessoa humana com um amor ainda maior.

Por isso São Paulo proclama:

“Mas Deus demonstra o seu amor por nós pelo facto de Cristo ter morrido por nós quando ainda éramos pecadores.” (Rm 5,8)

Não morreu pelos perfeitos.

Morreu pelos pecadores.

Morreu por nós.



Aplicações práticas na vida quotidiana

Na família

É possível desaprovar certos comportamentos de um filho, irmão ou cônjuge sem deixar de o amar profundamente.

Firmeza e afeto não são incompatíveis.

Nas redes sociais

As plataformas digitais favorecem frequentemente a polarização.

É fácil atacar pessoas em vez de debater ideias.

O cristão é chamado a recordar que por trás de cada ecrã existe um ser humano amado por Deus.

Na evangelização

A verdade do Evangelho deve ser anunciada na sua totalidade.

Mas sempre com respeito, paciência e compaixão.

As almas aproximam-se mais facilmente da verdade quando percebem amor autêntico.



Na vida pessoal

Também devemos aplicar este ensinamento a nós próprios.

Muitas pessoas vivem presas entre dois extremos:

Ou justificam os seus pecados.

Ou se identificam completamente com eles.

A fé católica propõe um caminho melhor.

Reconhecer o pecado.

Arrepende-se.

Aceitar o perdão.

E lembrar que a nossa identidade mais profunda não é a de pecadores, mas a de filhos de Deus chamados à santidade.

Uma lição urgente para o nosso tempo

Talvez nunca tenha sido tão necessário compreender corretamente este ensinamento.

Vivemos numa cultura em que as pessoas são frequentemente confundidas com as suas opiniões, erros ou pecados.

O Evangelho propõe uma visão mais profunda.

Cristo ensina-nos a distinguir entre a dignidade inviolável da pessoa e aquilo que a afasta da sua verdadeira vocação.

Amar o pecador mas odiar o pecado não significa sentir superioridade moral.

Não significa apontar o dedo.



Não significa justificar todos os comportamentos.

Significa olhar para os outros com os olhos de Cristo.

Olhos capazes de ver o mal sem o aprovar.

Mas também capazes de descobrir, até no pecador mais distante, uma criatura infinitamente amada por Deus.

Conclusão: a síntese perfeita entre verdade e misericórdia

A expressão “amar o pecador mas odiar o pecado” resume um dos ensinamentos mais belos e exigentes do cristianismo.

Convida-nos a rejeitar o mal sem rejeitar quem o comete.

Chama-nos a defender a verdade sem perder a caridade.

Recorda-nos que cada pessoa vale mais do que as suas piores decisões.

E ensina-nos que a verdadeira misericórdia nunca consiste em negar o pecado, mas em ajudar o pecador a encontrar o caminho da liberdade.

Em Jesus Cristo contemplamos esta síntese perfeita.

Ele não reduziu as exigências morais do Evangelho.

Mas nunca fechou a porta a quem procurava a conversão.

Por isso, sempre que encontramos as nossas fraquezas ou as dos outros, vale a pena recordar o seu exemplo: uma verdade que ilumina, uma misericórdia que cura e um amor que nunca abandona.

Porque Deus detesta o pecado precisamente porque ama imensamente o pecador. E quanto mais compreendermos esta verdade, mais aprenderemos a amar como Ele ama.